

O SÉCULO XIX SOB O OLHAR MACHADIANO

Aurora Gedra Ruiz ALVAREZ¹

- **RESUMO:** O objetivo deste trabalho é o de estudar o processo de criação da paródia na crônica “O sermão do Diabo”, de Machado de Assis, examinando os expedientes de que se vale o narrador na confrontação da voz enunciativa com o discurso instituído – “O sermão do monte”, de Mateus. Observaremos que, nesse embate ideológico, forja-se um espaço lúdico em que a plurissignificação conduz à transgressão do código pré-estabelecido e, ao mesmo tempo, promove-se a desconstrução do texto-base reconstruindo-se um *ethos*, em que a visão materialista do capitalismo torna-se alvo da ironia e do fino humor machadianos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Paródia. Plurissignificação. Desconstrução. Crônica. “O Sermão do Diabo”.

A literatura brasileira do século XIX é riquíssima por encerrar duas grandes correntes literárias que ostentam escritores bastante representativos no cenário artístico nacional. Se no Romantismo encontramos insígnies representantes, principalmente da poesia e do romance, com o advento do Realismo, o foco de luz projeta-se sobre alguns relevantes mestres da ficção. A despeito da pluralidade de nomes que ocupam lugar de destaque no cânone literário, e do verdadeiro desafio que é privilegiar um autor e uma obra, elegemos para ser examinado, neste trabalho, Machado de Assis, cuja obra está acima das demais. A inventividade deste autor ao imprimir, em cada criação, um modo peculiar de urdir as malhas textuais, oferecendo variadas formas de tratamento de uma mesma temática e/ou de determinado recurso de expressão, como a ironia, bem como as diversas possibilidades de leitura que se inscrevem em seu texto são alguns dos fatores que têm despertado no leitor, ao longo dos tempos, o fascínio por suas obras. Aproveitando as virtualidades do texto machadiano, fixemos nossas lentes sobre a crônica desse ilustre escritor. Em Machado, essa forma literária escapa do registro circunstancial, formal do objeto de seu discurso para imprimir a ele a ficcionalidade, a densidade e o olhar cético sobre as relações sociais de seu tempo. Interessa-nos estudar a solução estética que esse escritor privilegia para fazer crítica à sociedade burguesa do final do século XIX. Para tanto, focalizaremos “O sermão do Diabo”, crônica publicada em “A semana” na *Gazeta de Notícias*, no dia 04 de setembro de

¹ UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Letras. São Paulo – SP – Brasil. 01241-020 – aurora.pos@mackenzie.br

1893². No ano seguinte, ela é reeditada em *Páginas recolhidas*, uma coletânea que reúne contos e crônicas. O texto escolhido é uma paródia do “Sermão do monte” de Mateus, que preserva, na retomada do texto bíblico, a mesma forma de composição do sintagma, permeada, contudo, pela fina ironia do autor, que não poupa suas farpas à mentalidade capitalista. O objetivo deste trabalho fixa-se no exame do *modus facciendi* machadiano ao construir a paródia. Será possível observar que a ironia, um dos recursos intrínsecos à paródia, comparece nessa obra seguindo um feitiço singular. Esta é a nossa proposta: investigar como a ironia estrutura a paródia machadiana.

Sabemos que o gênero paródia caracteriza-se por uma construção formal e temática que tem como propriedade fundante a natureza relacional entre os textos da cultura. Segundo os princípios da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (1981), a paródia questiona na sua dialética um modelo literário e instaura pela interdiscursividade a confrontação de verdades de um mundo em constante transformação. Nesse embate ideológico, instaura-se um jogo de plurissignificação que conduz à transgressão do código pré-estabelecido e que refletirá, por sua vez, na subversão do código social.

Neste exercício interpretativo, examinaremos como se plasmam as relações intertextuais entre a crônica “O sermão do Diabo”, de Machado de Assis (1997) e a passagem bíblica “O sermão do monte”, de Mateus (BÍBLIA, 1974), para penetrarmos no cerne da construção da paródia. Verificaremos que esta desautoriza a voz sacralizada da tradição e procede a uma inversão semântica. Ela “[...] vira o texto do avesso, e, em decorrência desse estatuto da reversibilidade, revela *o como se faz*” (ALVAREZ, 2002, p.99, grifo nosso). Desta forma, o receptor lê o que está dito e, ao mesmo tempo, recupera o texto-fundo. A escolha da paródia, enquanto princípio estruturador do texto, vem a calhar porque, como veremos, ela se enforma segundo o texto que enfrenta; ela esvazia o modelo original para criar e preencher um modelo que lhe é próprio.

Tendo em vista esse entendimento sobre a paródia, concentremos nossa atenção na voz narrativa da crônica machadiana. Observemos que esta apresenta ao narratário “um pedaço do evangelho do Diabo”, mas, antecipadamente, assume a posição recalitrante ao afirmar “que nem sempre respond[e] por papéis velhos”; por isso, embora esse evangelho pareça “autêntico”, ela não garante a sua legitimidade. Esse posicionamento do narrador instiga-nos a refletir sobre a instância narrativa para compreender o processo arquitetônico da ironia na paródia. Notaremos que, ao mesmo tempo em que o narrador afirma não assumir o dito, ele denega esta pretensa neutralidade e posiciona-se criticamente no discurso. Partindo do princípio de que esse sujeito se instaura na ordem do movimento, apreendê-lo em trânsito no limiar entre o que ele afirma e o que atualiza discursivamente.

² Vide, no anexo, o conto “O sermão do Diabo”.

Desta feita, instala-se a polifonia no texto: a voz do diabo que expressa a visão capitalista; a voz da tradição, por meio do resgate do texto bíblico e, por fim, a voz do narrador que declara uma suposta neutralidade. **Finge-se** um jogo discursivo de vozes “plenivalentes” (BAKHTIN, 1981, p.11), em que o narrador parece não assumir um lugar fixo, inquestionável, pretendendo distinguir no enunciado o que é sua fala da que é do diabo. Examinemos se a ironia sustenta a mobilidade desse sujeito que pretende apenas citar a voz do outro e assumir um ponto de vista neutro no que se refere à tradição – o texto bíblico – e no que tange ao discurso do diabo – o capitalismo.

Feita a ressalva de não assunção do que será proferido, o narrador reafirma que o evangelho do diabo vale por si, por ser “substancial”. Essa declaração dá relevo ao texto enquanto conteúdo, enquanto matéria de conhecimento apresentada. Marcado por pontuações frequentes, criando um ritmo cadenciado, a conta-gotas, o narrador esclarece, nesse preâmbulo, o teor dos “papéis velhos”, como nomeia o sermão encontrado. A seguir faz uma advertência às “almas católicas”. Nesse aviso subjaz a formação ideológica maniqueísta que a voz narrativa atribui aos narratários, os quais, segundo essa mesma voz, de antemão, se posicionam avessos a qualquer idéia herética. Por isso, mantendo a posição do limiar, não querendo assumir o *ethos* cristão, nem o não-cristão, ou seja, o capitalista, a instância narrativa apóia-se na afirmação de Santo Agostinho de que “[...] a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”.

Fundamentado nesse argumento de autoridade, o narrador sente-se amparado pelo filósofo da escolástica, considerado um dos maiores doutores da Igreja, e inicia a exposição do evangelho com o enunciado: “Lá vai o do Diabo”. Neste pressupõe-se a não-necessidade de aludir ao texto-fonte, posto que, mesmo *in absentia*, ele é invocado no processo de recepção. A paródia realiza uma interação da memória histórica com o novo, reelaborando uma inusitada relação, quer para manter ainda seus impulsos conservadores com o passado, quer para recriar uma nova ideologia, mediante uma recodificação irônica no processo transcontextual. Passemos, agora, ao exame da referida semelhança entre a igreja de Deus e a do Diabo e, dessa análise, apreenderemos como se estabelece a paródia nessa crônica machadiana.

O que se segue à menção de Santo Agostinho (ver Anexo) vem entre aspas, o que pretende deixar clara a intenção do procedimento citativo. Sua forma remete-nos, em certa medida, ao texto bíblico que se constrói obedecendo a uma sequência de fundamentos que tencionam traduzir comportamentos, valores morais e/ou religiosos. No que tange à composição, no texto-fonte – “O sermão do monte”, capítulos 5, 6 e 7 de Mateus – o rol de bem-aventuranças vem marcado com números arábicos; no entanto, a recriação machadiana configura-se, a princípio, obedecendo à numeração ordinal até o nono enunciado e, a seguir, comparece a numeração arábica, o que a aproxima mais da forma do registro das leis. Em verdade, o que se

doutrina nos trinta mandamentos é a concepção ideológica de que o sucesso ocorre devido à falta de escrúpulos, à ganância, à má fé nos negócios; enfim, todas as qualidades que enformam o homem do mundo capitalista.

A categoria espacial inscrita na situação enunciativa de “O sermão do Diabo” aparenta-se, em certa medida, à do hipotexto. Assim como Jesus, sentado no alto do monte, põe-se a ensinar os discípulos, o mesmo faz o Diabo. A posição superior que ambos ocupam garante-lhes o estatuto de quem fala com autoridade para ser ouvido com deferência. Se há uma semelhança topológica quanto ao curso da enunciação, não predomina o mesmo *ethos* naquilo que se doutrina. A paródia que se estabelece aqui não mantém a intenção sacralizadora; ao contrário, carnavaliza-se o texto-fonte. Em vez de Jesus em um monte da Galiléia, no início da era cristã, temos o Diabo a evangelizar, sentado no Corcovado, no final do século XIX.

O rompimento com o instituído dá-se na linguagem, impregnada de ambiguidade. Esta domina a enunciação, como podemos ilustrar com a 6ª bem-aventurança: “Bem-aventurados os mais finos, porque eles morrerão grossos” (ASSIS, 1997, p.647). Nessa enunciação há polissemia. Se na primeira parte do sintagma, “finos” remete à idéia de espertos, ousados, acutilados, a segunda unidade do sintagma “morrerão grossos” tanto tem o sentido denotativo de morrerão gordos, obesos, quanto o conotativo de morrerão após viverem na abundância por terem explorado os inexperientes, os ingênuos.

É exatamente esse duplo sentido presente no que se diz que possibilita a existência da ironia no discurso, um dos traços constitutivos da paródia. Segundo Beth Brait (1996, p.94), a duplicidade enunciativa “[...] promove a adesão do enunciatário na medida em que esse passa a reconhecer não os valores do objeto enunciado, mas os do sujeito do ato enunciado”. Nesta cumplicidade, o enunciatário distingue o que se plasma na superfície do enunciado do que nele subjaz.

Realinhando nosso foco sobre as bem-aventuranças de Mateus, podemos observar que, do ponto de vista composicional, esses ensinamentos guardam uma estrutura binária, o mesmo ocorrendo com a crônica machadiana. Notemos que Machado procede a inúmeras combinações na formação do sintagma para recriar o deslocamento do acento irônico. Apontemos os expedientes mais frequentes nessa paródia.

1. Uma combinação recorrente na estrutura sintagmática para produzir o efeito de ironia ocorre com a preservação do sentido da primeira parte do eixo do sintagma do hipotexto, o que implica a permanência da tradição, e a modificação da segunda parte, com a conseqüente desconstrução do *ethos* instituído. Assim:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre uma montanha; nem se acende uma luz para colocá-la debaixo de um alqueire, a fim de que brilhe a todos que estão em casa. (BÍBLIA, Mateus, 5, 14-15).

10. Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela. (ASSIS, 1997, p.648).

Observemos que a primeira parte da enunciação do texto machadiano se encontra no texto-base. Contudo, o efeito da transformação da segunda parte do sintagma incide sobre a primeira, atribuindo-lhe ambivalência, isto é, denega-se o sentido metafórico de “luz”, para prender-se à acepção de **chama**. Daí a ludicidade instaurada entre o sentido conotativo e o denotativo. A imagem de ser “a luz do mundo”, que conhece o significado de aquele que é modelar pelas suas boas ações, transmuta-se para a idéia de quão perigoso é colocar “vela acesa sob o chapéu”, o que leva a voz enunciativa a concluir que as boas ações no mundo capitalista são desviadas da sua orientação inicial e servem para encobrir o vício, isto é, são desvirtuadas em sua origem. Notemos que há uma estreita relação entre o que é dito e o que é intencionado, criando-se um jogo entre o que é afirmado pelas convenções – ser modelar – e o que é negado pela prática que se observa no mundo dos negócios – usar a astúcia, a má fé e a inteligência para levar a melhor nas relações com o capital.

2. Na segunda modalidade de composição da ironia, podemos observar que se altera o paradigma na primeira sequência, e, conseqüentemente, subverte-se o sentido de todo o eixo binário, criando-se, assim, a inversão irônica.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. (BÍBLIA, Mateus, 5, 5).

4º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra. (ASSIS, 1997, p.647).

Essas situações enunciativas definem visões distintas de estar no mundo. Embora o dito na segunda parte dos sintagmas seja o mesmo, o que se pretende dizer é diferente. Ser “afoito” e “possu[ir] a terra”, ambas as ações sugerem, nesse contexto, que só se consegue os bens do mundo com ousadia, enquanto “ser manso” e “herdar a terra” significam que o homem deve se desprender da matéria, porque assim Deus o provê em suas necessidades (BÍBLIA, Mateus, 6, 26).

3. Outra combinatória para criar o efeito irônico ocorre quando a primeira unidade do sintagma aparentemente retém o sentido do texto-fonte, enquanto a segunda amplia e esclarece esse sentido, revelando outra intenção de quem o profere. Assim:

Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás: mas quem matar, será castigado pelo juízo do tribunal. (BÍBLIA, Mateus, 5, 21).

14. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa. (ASSIS, 1997, p.648).

No discurso do Diabo, a ironia instaura-se ao apresentar uma concordância com o texto de Mateus na primeira parte do mandamento, ou seja, que não se deve cometer o homicídio. A segunda comparece como justificativa dessa conduta, esclarecendo que o comportamento do homem ambicioso não precisa chegar a tanto; basta explorar o outro ao extremo, assim não será castigado, ou seja, não será punido pelas leis civis. Como se pode perceber, no início, cria-se no leitor uma expectativa de encontrar a anuência ao *ethos* presente no texto do evangelista, que, em seguida, é frustrada, com a euforização do comportamento velhaco, vil.

Outra ocorrência a apontar, ainda nesse caso, é que o narrador se insurge contra a má construção do enunciado do Diabo, afirmando-se não-responsável “pelos erros da cópia”, como, por exemplo, a má colocação pronominal presente no início da segunda unidade do sintagma do versículo supracitado.

4. Outra possibilidade de instalação da ironia é quando tanto a primeira quanto a segunda unidade do eixo sintagmático apresentam divergência de sentido por se basearem em diferentes hipotextos. Em Mateus, a primeira sequência do enunciado remete à interpretação dos fariseus à lei judaica de que o bem deve ser pago com o bem e o mal com a maldade; já a segunda introduz o pensamento de Jesus. A paródia machadiana, por sua vez, funda-se no *ethos* do Novo Testamento, **dessacralizando-o** ao apresentar a nova versão de conduta do homem moderno.

Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e maltratam. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. (BÍBLIA, Mateus, 5, 43-45).

13. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; é melhor comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio. (ASSIS, 1997, p.648).

A voz enunciativa presente em “O sermão do Diabo” expressa a visão de mundo de que o homem é o lobo do próprio homem. Desconhecem-se os princípios de solidariedade, de fraternidade. Ecoa a voz da selva em que prevalecem os instintos

e em que há a seleção das espécies. O mundo é visto como um palco de lutas entre desiguais; vencem sempre os mais fortes. No enunciado, afloram as concepções do mundo do capital que confirmam as teorias darwinistas. O enunciador, em sua aguda crítica, não capta apenas o comportamento intrínseco às sociedades naturais, mas enxerga a extensão deste em seu tempo.

5. Por fim, nesta última variante de construção da ironia na paródia, as duas estruturas do eixo binário divergem do texto-matriz, não obstante a escolha lexical e a situação enunciativa asseguram certa semelhança.

Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão: só então, vem fazer a tua oferta. (BÍBLIA, Mateus, 5, 23-24)

15. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo. (ASSIS, 1997, p.648).

As situações enunciativas desses fragmentos remetem ao contexto do sujeito que faz um balanço de sua vida; contudo, esse julgamento pressupõe atitudes e concepções de mundo singulares, antitéticas. No primeiro caso, recupera-se a imagem do homem cindido entre o ser religioso e o ser profano; erige-se a imagem daquele que participa dos rituais sagrados levando sua oferta ao altar e que, ao mesmo tempo, tem que se ocupar com as coisas do mundo. Assim, nessa bem-aventurança, propõe-se a conjugação dessas duas vivências, dotando a vida temporal de atitudes que sejam a afirmação da vida religiosa. Já o texto de Machado recria a imagem do homem engendrada pela mentalidade capitalista, mais especificamente, o produtor de bens e de serviços de consumo, monolítico, que só se preocupa com as atividades relacionadas ao *money market*. Dessa feita, o ensinamento confirma o jogo da sedução das práticas do mundo das finanças que visam a obter mais lucro e, ao mesmo tempo, a lograr o consumidor, levando-o a crer que está fazendo um bom negócio.

Desses mecanismos da linguagem criados para a construção da ironia, em síntese, podemos dizer que, ao transgredir as convenções do texto-fonte, eles reelaboram o discurso da tradição, negando-o, ao mesmo tempo em que o mantêm legível pela interdiscursividade. O discurso do diabo distingue a sua identidade em relação ao discurso de Mateus: a identidade do ser se constrói em relação ao não-ser. Portanto, o discurso não se fecha em si mesmo; ao contrário, constrói-se em vista do outro, torna-se ambivalente: está na fronteira com o seu contrário, confrontando-se com ele, mas não permitindo a sua posição interpretativa. Aquela

pretensa neutralidade do narrador, que vimos anteriormente, cai por terra, uma vez que a ironia desvela uma orientação monoacentual no ato da enunciação, ou seja, procede ao abafamento das vozes, submetendo-as a um discurso centralizador, que desvela uma severa crítica à sociedade do século XIX.

Esta transferência de um determinado modo do ser **dado**, reconhecido pelo leitor, isto é, o quadro axiológico presente no evangelho de Mateus, para um ser em **devir**, opera em relação ao texto antigo introduzindo um outro *modus vivendi*. A recriação machadiana configura-se como fecundadora de novos significados, uma vez que não mais se circunscreve ao âmbito dos conteúdos concebidos *a priori* no texto bíblico, mas reelabora-se, no processo de apropriação, constituindo-se de novos sentidos que formalizam o tecido narrativo. Portanto, no enfrentamento da memória coletiva, promove-se a desconstrução do texto-base com a introdução da visão materialista, permeada, contudo, pela ironia e pelo humor da melhor lavra machadiana, com o propósito de criticar acerbamente o individualismo, o desrespeito ao outro, sentimentos mais acentuados pelas práticas da concorrência do mundo do capital.

Em “O sermão do Diabo”, reconstrói-se um *ethos* que critica o legado ideológico do homem do final do século XIX, estabelecendo-se um diálogo com as doutrinas do cristianismo, desvirtuado, muitas vezes, nas ações burguesas. Para isso, traduz o **seu modo** de interpretar o mundo sob o olhar cético do parodista. A ironia, por se caracterizar pela sobreposição de conteúdos semânticos, é o instrumento privilegiado para apreender, na paródia, as pretensas “virtudes burguesas” encobrindo a sovínice da sociedade capitalista, os jogos sociais do *être* e do *paraître*. Graças à ambivalência da paródia, o **eu** assimila a alteridade, reinventando-a, para compreender o mundo que o cerca. Dessa forma, a voz narrativa reproduz o discurso que assimilou do seu momento histórico, revelando o descompasso entre a retórica e as práticas da burguesia.

ALVAREZ, A. G. R. The nineteenth century in Machado de Assis’s eyes. **Itinerários**, Araraquara, n. 29, p.393-404, july/dec. 2009

- **ABSTRACT:** *The aim of this study is to analyze the process of creating parody in the narrative “O sermão do Diabo”, by examining the means through which the narrator confronts the enunciative voice with the instituted discourse – Matthew’s “The sermon on the mount”. We will also observe that in this ideological clash, a playful space is forged and, in it, plurisignification leads to the transgression of the pre-established code and, at the same time, the de-construction of the base-text is promoted and an ethos is rebuilt, in which the materialistic view of capitalism becomes a target of Assis’s irony and best humour.*

■ **KEYWORDS:** *Parody. Plurisignification. Deconstruction.*

Referências

ALVAREZ, A. G. R. **O mito de D. Sebastião em Almeida Faria**. 2002. 211 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ASSIS, M. de. O sermão do diabo. In: _____. **Obra completa**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v.2, p.647-649.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 21. ed. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1974.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. (Coleção Viagens da Voz).

Recebido em 04/07/2008

Aceito em 12/12/20

ANEXO

O SERMÃO DO DIABO

Machado de Assis

Nem sempre respondo por papéis velhos: mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de São Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”. Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo:

“1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos.

“2º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

“3º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

“4º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.

“5º Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.

“6º Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos.

“7º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito.

“8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.

“9º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

“10. Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.

“11. Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.

“12. Não acrediteis em sociedades arrebitadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.

“13. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

“14. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.

“15. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.

“16. Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.

“17. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.

“18. Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.

“19. Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.

“20. Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.

“21. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.

“22. Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.

“23. Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despoeve das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.

“24. Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dous para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.

“25. Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembleias as boas palavras.

“26. As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.

“27. Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas, e perpétuas as contas que se não contam.

“28. Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.

“29. Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

“30. Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios...”

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia.

